

# Ganhar a vida com dignidade

O desemprego é o mais cruel desperdício de recursos de uma sociedade civilizada. Afinal, o trabalho é o único intercuro do homem com a natureza da qual ele faz parte e da qual – ainda que a cadeia que o leve ao recurso natural seja muito longa – ele extrai a sua subsistência. A interdição ao trabalho pela falta de demanda da sua atividade retira do homem o sentido de pertencer à sociedade, destrói sua identidade, corrói a estrutura familiar que lhe dá conforto e – dependendo do tempo – rouba-lhe as qualificações. Alienado de seu trabalho, não tem como reconciliar-se com o “ganhar a vida com dignidade”.

A política econômica voluntarista que resultou na década de menor crescimento do último século deixou como herança 13 milhões de desempregados (além de 10 milhões de cidadãos e cidadãs que gostariam de trabalhar mais) e cinco milhões de desacomodados que desistiram de procurar emprego. O mais injusto desperdício de recursos que um país pode fazer é o de não utilizar o trabalho de seus cidadãos. A recuperação do emprego tem sido muito lenta e não acontece com mágica. Só a rápida aprovação de uma reforma da Previdência suficientemente robusta poderá mudar esse quadro ao estimular a volta dos investimentos privados na infraestrutura e dar tranquilidade ao Banco Central para promover a ampliação do crédito com maior competição no setor financeiro e menor taxa de juros.

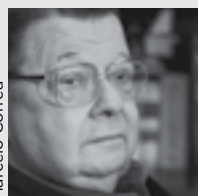
A boa notícia da semana da Páscoa deste ano (15 a 21 de abril), do avanço na Câmara dos Deputados das discussões da reforma previdenciária, trouxe de volta algum otimismo quanto à recuperação do crescimento econômico e da expectativa de melhora no mercado de trabalho. Aparentemente aumentou a compreensão dos congressistas quanto à urgência de dar curso às reformas que estão paradas nas duas casas do Legislativo: a previdenciária, para a recuperação do equilíbrio fiscal e da capacidade do investimento público; e a tributária, de inspiração do próprio presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, que afirmou a determinação de trazê-la ao debate tão logo a questão da previdência siga para a apreciação do Senado.

Positivamente, o Brasil não é uma nação condenada ao fracasso. Pelo contrário, é um país extraordinário. Nos seus cinco séculos de existência já experimentou as mais perversas e mais emocionantes instituições: foi Colônia; foi Império; foi República Democrática (três vezes) e Ditadura (duas vezes, vá

lá...), regimes durante os quais expandiu e assegurou a posse do quinto maior território mundial. Consolidou uma só língua, integrou lentamente o território e vai, aos trancos e barrancos, metabolizando preconceitos e confirmando a riqueza da miscigenação do ponto de vista estético e da imaginação criadora de suas periferias, como sugeriu o ilustre ministro Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal.

Muitas vezes nos deixamos aprisionar num círculo vicioso: estamos pobres porque produzimos pouco e produzimos pouco porque somos pobres. Superamos esse círculo vicioso entre 1939 e os anos 1980, quando crescemos mais do que o mundo. A partir daí, infelizmente, tivemos uma recaída, mas uma nova eleição cheia de surpresas talvez poderá nos devolver o “espírito do crescimento” que nos abandonou.

Aproveito este final de comentário para acrescentar meus cumprimentos às comemorações do primeiro meio século de vida da Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE), em especial aos representantes das organizações parceiras e a todo o corpo de executivos(as) das instituições de fomento, em sua maioria colegas economistas empenhados nas atividades que têm como alvo a retomada do crescimento sustentável no país. Cabe finalmente agradecer aos organizadores e participantes do evento “O desenvolvimento que o Brasil precisa”, que reuniu em Brasília no mês de agosto de 2018 os principais assessores econômicos dos candidatos à eleição presidencial, que ao final dos trabalhos brindaram os leitores da *Rumos* com as diversificadas visões dos programas econômicos de cada um dos concorrentes, em excelente matéria do jornalista Jader Moraes.



Marcelo Correia

## ANTONIO DELFIM NETTO

*Professor emérito da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), ex-ministro da Fazenda, da Agricultura e do Planejamento.*